

Experiência do Sensível...

Professora coordenadora: Rosana Bortolin
Aluna bolsista: Janai de Abreu Pereira

"Uma criança é um anjo cujas asas diminuem à medida que suas pernas crescem"
Provérbio Francês

Quando começamos com o NUPEART (Núcleo Pedagógico de Educação e Arte) nossas preocupações convergiam para encontrar um caminho que, buscasse unir arte e vida, já tão distantes no cotidiano de uma grande parcela da população, mais agravante, é o entendimento da arte contemporânea, restrito, a uma minoria.

Qualquer projeto supõe a necessidade de definir, com clareza, os objetivos que se quer atingir bem como as etapas de trabalho necessárias para que o aluno experimente um processo produtivo de conhecimento.

Partimos de uma proposta de trabalho com os sentidos, como forma de sensibilizar a criança para os experimentos em arte. O desenrolar do processo ocorria a partir de interpretações de sentir o mundo, reunindo informações compostas de textos e imagens, para exercitar o olhar. Deste modo o aluno é orientado a associar informações levando em consideração referências da história da arte. A partir de exercícios de expressão artística, ou seja de sugestões de atividades, os alunos são levados a refletir sobre os procedimentos dos artistas, vivenciando processos *similares*.

Com o desenrolar do processo, utilizamos os sentidos como o caminho através do qual poderíamos chegar à arte. Entendemos que seguir por este caminho, seria um caminhar em conjunto, no entanto as experiências sensíveis seriam individuais. Este foi o foco central de nossos encontros.

nupeart

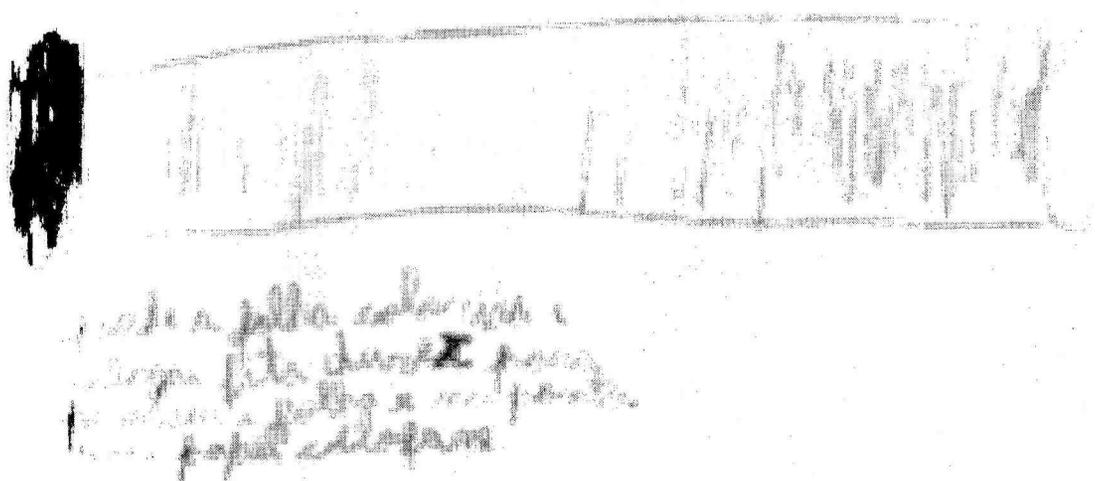
Com pressupostos fenomenológicos, e pautados na história da arte, em especial na obra plástica e teórica de Lygia Clark e Hélio Oiticica, inspiradas em seus experimentos plásticos de ordem sensível, desenvolvemos atividades que buscassem este sentir o mundo, esta vivência.

Trabalhamos contra o que pretensiosamente chamamos dos “seres de olhar morto”, pessoas que deixam as imagens escaparem de suas vidas, por um estado de anestesia que muitas vezes a falta de estímulo dos sentidos causa. Esta vivência partiria em princípio por questionamentos do cotidiano de nossos alunos: o trajeto que o levou de casa até a oficina; as cores encontradas neste trajeto (casas, roupas das pessoas). O exercício de estar presente, de estar atento, de prestar atenção em minúcias, de selecionar imagens que compõem seu dia, foi iniciado a partir do cotidiano dos alunos, de suas descobertas, percepções, sensibilizações e sensações.

Optamos por descrever algumas atividades dentre as inúmeras, que ao nosso entender exemplificam o trabalho desenvolvido ao longo deste ano, criamos denominações para as mesmas, afim de facilitar sua identificação.

Uma dessas atividades que intitulamos “Máquinas do Sentir” baseada na fase sensorial de Lygia Clark, onde ficam claras duas etapas: na denominada “nostalgia do corpo”, o sujeito encontra seu próprio corpo utilizando objetos em exercícios de sensibilização, o objeto é um pretexto para a expressão grupal. Utiliza objetos *ready-made*, como luvas, óculos, cintos e cria intencionalmente ambientes e roupas não como obras em si, mas como estímulos a percepção. Gradualmente reduz estes meios a fios, elásticos, panos, plásticos aos quais não dá forma. Esta

surgirá da interação dos participantes com os materiais. “O homem encontra seu próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si. Depois incorporei o objeto, mas fazendo-o desaparecer. Entretanto, é o homem que assegura seu próprio erotismo. Ele torna-se o objeto de sua própria sensação”¹, nos esclarece Lygia Clark. (imagem com o textinho—Mariana 9 anos, máquina de ver o mundo de varias cores)



As “Máquinas do Sentir” surgiram de experiências vividas pelos alunos que são transmitidas aos demais e experimentadas individualmente. O diálogo é aqui puramente sensorial permitindo pela ausência da palavra a redescoberta de uma comunicação que o discurso verbal impede. A organização espacial é preestabelecida e a participação em larga medida previsível, significando a manutenção de razoável controle do aluno sobre a “obra”.

¹ L.Clark, “1969:O Corpo é a Casa”, em Lygia Clark, Rio de Janeiro,1980,p.34.

Sensibilizar o outro é claramente a intenção do aluno, ainda construtor. Na elaboração cuidadosa das máquinas, a estimulação é direcionada e os efeitos procurados, proporcionando uma experimentação variada, porém, até certo ponto calculada. É evidente o empenho em dar um tratamento *plástico*, estético à criação pelo rigor da concepção e feitura, sendo o elemento humano tratado como componente integrado a obra. As “Máquinas” ora se apresentam como objeto de contemplação, ora de manipulação.

Significantes e significados são gerados por pessoas envolvidas nesta atividade comum, numa experiência comunitária momentânea. A revitalização do potencial criativo se dá na ação, simultaneamente individual e conjunta, no decorrer da qual fragmentos de materiais como panos, plásticos, fios, elásticos, são retirados do estado de inação e impregnados de sentido. O material serve a fantasia dos alunos, que redescobrem a possibilidade de criar novas formas e novas significações a partir de recursos “pobres”, figurando seu imaginário. É forma emergente e precária. Existe circunstancialmente e se extingue quando termina a ação.

A criança usa com freqüência objetos descartados, sobras como caixotes, embalagens, pedaços de tecidos, cabos de vassouras e os transforma em caverna, no vestido da princesa, em automóvel, na espada do rei e em nave espacial, transitando sem barreiras entre o imaginado e o vivido. Estas máquinas foram mais do que simples máquinas, transportaram-nos para um mundo poético, porque não dizer de imagens poéticas.

Bachelard², nos propõe que nos libertemos dos nossos velhos hábitos de conceituar, racionalizar e objetivar a imagem. O espaço da imagem poética é

² Bachelard, 1998, p.7

o espaço vivido, sentido. Um espaço que está bem mais perto e mais acessível do que imaginamos. Seria o espaço criado pelas "Máquinas".

Nessa abordagem, devemos nos envolver com as atividades para vivenciá-las, anexando assim nossas experiências. Deve ser vivida, não analisada. Segundo Bachelard a imagem poética não necessita vários conhecimentos, os que a envolve, são os da alma, próprio de cada indivíduo.

Nas propostas da década de 70, "trata-se de confundir a arte com a vida", de praticar o livre trânsito entre o dentro e o fora, em movimentos de introversão e extroversão.

O contato com as "Máquinas", esta troca nem sempre é agradável, poderia ser entendida como uma "anarquia profunda", de que fala Artaud³, desorganização e desconstrução do sentido convencional atribuído às coisas e às relações dos homens com os objetos e dos homens entre si. Em Artaud e Clark, a proposta é de uma ousadia consciente, de um risco procurado, porque busca arrancar as pessoas da anestesia a que estão culturalmente condenadas. Para ambos a prática poética é visceral, desentranhada da própria carne, é materialização do imaginário, do sensorial, do devaneio, do sonho, do delírio. É poética existencial, de incessante desconstrução e reconstrução do ser. É na intersecção do imaginário com o real que se dá a ação. Artaud afirma que a experiência se vive no instante e que tudo se passa como se toda uma eternidade habitasse no ato de participação, é retomada igualmente por Clark para quem o passado e o futuro estão implicados no presente-agora do ato. Fica evidente o quão tênue pode ser essa distinção e como o limite entre a arte e a vida é pouco nítido.

³ Artaud, 2000, p. 123.

nupcart

Nisso reside a intencionalidade deste trabalho: intimista, reducionista em termos matéricos, mas denso em produção psico-sensorial.

A “Experiência do Saco”, consiste de um saco de tecido onde colocávamos alguns objetos, um por vez dentro, e uma das crianças sentia, apalpando-o e com palavras descrevia o objeto para as demais, que desenhavam a partir do relato que recebiam. Através de uma inversão do plano, do tridimensional para o bidimensional, trabalhamos com este conceito, um conceito criado pelo homem com fins práticos, para satisfazer sua necessidade de equilíbrio. O quadrado criação abstrata é um produto do plano. O plano marcando arbitrariamente os limites do espaço, dá ao homem uma idéia inteiramente falsa e racional de sua própria realidade. Daí surgem os conceitos antagônicos de alto e baixo, avesso e direito, contribuindo para destruir o sentimento de totalidade. Estas variações espaciais ao primeiro contato eram recebidas com estranheza, por já terem um conceito de espaço, como o de realidade, mas as construções espaciais, desencadearam uma percepção de individualidade de cada um, partindo do pressuposto de que o relato era único e as interpretações muitas, perceberam que o mundo imagético é singular, imaginam as coisas de uma maneira só sua. São interpretações, da palavra para o desenho, que não há verdade única, são muitas pontes como alguns descreviam, e destas pontes, saíam coisas, as mais inusitadas. O mistério, isso é que seduz, afinal de contas tudo o que se imagina pode acontecer, e o que acontece de fato (nos desenhos) é o que se imaginou. Deixaram-se levar para um mundo onde a razão, diga-se de passagem uma razão aristotélica...permanece ao fundo, desenharam descrições de algo que diziam “é frio, é macio, é mole...” e desenhávamos o frio, o mole, o macio...

Em “Escultura Comestível”, referenciada pelo vídeo do artista Maurício Bentes, de mesmo nome, e

pelo artista renascentista Arcimboldo, foram executadas esculturas com gêneros alimentícios. É importante salientar que as referências com os artistas apresentavam-se depois de concluídas as atividades, a ênfase aqui estava, além do material, trabalhar com a cor dos materiais e formas, apresentava-se uma situação inusitada, trabalhar com materiais conhecidos, como frutas, rosquinhas, erva-mate, mas numa proposta artística. Este olhar de desmistificar o material e enxergar além do próprio, estimulou nos alunos uma percepção de como a cor natural destes materiais, a forma das mesmas em si, depende de quem os observa, transforma isto em uma paisagem artística, entenda-se paisagem como algo que abrange tudo ao nosso redor.

nupéart

O olhar mais estético, estimulado, contribuiu para que ao trabalhar com materiais do cotidiano, a poesia destes estivesse presente. Trabalhamos referências da arte contemporânea como sua efemeridade, sua bagagem histórica e obras feitas com materiais perecíveis (como o material que estávamos trabalhando).

Nossa oficina pode ser entendida como um processo, que continua e pode percorrer o cotidiano daqueles que a vivenciaram.

Refletindo um pouco os resultados obtidos, tratando-se de vivências ainda que era evidente o empenho em dar um tratamento plástico a cada uma, o resultado obtido ao final de um ano foi muito satisfatório.

Referências Bibliográficas

- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FAVARETTO, Celso. *A Invenção de Hélio Oiticica*. São Paulo: Edusp, 1993.

GREENBERG, Clement. *Arte e Cultura*. São Paulo: Ática, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: Obra Trajeto*. São Paulo: Edusp, 1992.